

CS 107 - Introdução ao Pensamento Computacional

De acordo com o artigo da Superinteressante e o TED da Sherry Turkle, disponíveis no material "Relacionamentos Interpessoais e Tecnologia", **redija um texto de uma a duas páginas discutindo os seguintes pontos:**

1. Os principais pontos abordados pelo vídeo e pelo artigo.
2. Que ações são possíveis para manter bons relacionamentos durante o isolamento social evitando a negatividade das redes?
3. De acordo com o material, o quão sociais você acha que redes sociais realmente são? Você consegue pensar em alguma estratégia para facilitar a conexão interpessoal nesses meios?
4. O que você pensa sobre a compra de likes no Facebook? Como você relaciona isso com o debate da aula 2?

Primeiramente, cabe pontuar os principais pontos em comum abordados tanto pelo TED de Sherry Turkle, quanto pelo artigo da Superinteressante. Ambos vão tratar da pretensa ideia de aproximação das pessoas que nos é trazida pelas redes sociais, do impacto causado pelas redes nas nossas relações/comportamentos e das interações online, que, não buscam o conhecimento e entendimento recíproco dos envolvidos na troca, como afirma Sherry, uma vez que, como traz o artigo, estamos ficando mais impulsivos, narcisistas, desatentos, menos preocupados com os sentimentos dos outros e infelizes.

No que se trata da análise das especificidades do TED de Sherry Turkle, podemos ressaltar sua tese “nós estamos deixando a tecnologia nos levar a lugares que não queremos ir”. A partir dela, Turkle adentra em uma análise das relações humanas, estabelecidas entre nós e as redes, nós e os outros, nós e nós mesmos (habilidade de auto-reflexão). Nesse sentido, ela afirma que as redes sociais nos fornecem 3 fantasias que impactam na nossa maneira de ser: (1) que podemos concentrar nossa atenção onde quer que desejemos; (2) que sempre seremos ouvidos; e (3) que nós nunca teremos que ficar sozinhos. Isso culmina em uma espécie de “estar sozinho junto”, estado no qual “pessoas querem estar umas com as outras, mas também num outro lugar”, além do desejo por controlar o que se sabe sobre o outro e o que se mostra de si mesmo.

Mas Sherry se mostra otimista e propõe soluções, que não desconsideram o fato de que as relações humanas são ricas, mas sem romantização, confusas e exigentes. Ela alerta para a importância do acolhimento ao estado de solidão, uma vez que “quando não temos a habilidade de estarmos sós, procuramos outras pessoas para nos sentirmos menos ansiosos ou para nos sentirmos vivos”, assim, não podemos apreciá-las por quem elas são. Aponta também para a necessidade de reserva de alguns espaços, como a mesa de jantar, nos quais a ausência da conexão virtual seja garantida. Dessa forma, a saída desse cenário com relações que não se pautam em um engajamento profundo, para ela, não está em se desfazer dos aparelhos, mas em desenvolver um relacionamento mais auto-consciente com eles, uns com os outros e com nós mesmos.

A única ressalva a linha de pensamento seguida por Turkle se dá na sua última enunciação no TED Talks: “agora todos nós precisamos focar nas muitas e muitas maneiras que a tecnologia pode nos levar de volta para nossas vidas reais, nossos próprios corpos, nossas próprias comunidades, nossas próprias políticas, nosso próprio planeta”. Essa distinção apresentada entre tecnologia e “vida real”, tecnologia e “própria política”, etc. pode ser questionada, tendo em vista que a tecnologia (e, portanto, as redes sociais) estrutura o conhecimento de forma a criar e mobilizar materialidades. Assim sendo, não há um “voltar”, mas um compreender a integração dessas grandezas, tecnologia e o que outrora foi essa vivência desprendida de uma esfera digital/online, e como uma mobiliza a outra.

Já se tratando da análise das especificidades do artigo da revista *Superinteressante*, o caminho para a construção da argumentação é precisa, parte de um âmbito da identificação do sujeito com a rede social esmiuçada, “o Facebook é ótimo. Nos aproxima dos nossos amigos, ajuda a conhecer gente nova e acompanhar o que está acontecendo nos nossos grupos sociais”, para em seguida apresentar um argumento que contradiz essa crença inicial e a coloca em cheque. É a expressão da tese no modelo textual, uma vez que a proposta do texto é guiar o leitor rumo a uma verdade que essa grande empresa tecnológica quer esconder e que não se mostra ao leitor. Isso fica nítido com os enunciados “descubra a verdade sobre os likes”, “conheça as verdades que a maior rede social da história não quer que você descubra” e a análise visual das imagens, que são amplamente ancoradas em tons escuros. A presença de sangue e do ícone like como um agressor escancarado nas imagens caracteriza um sensacionalismo por parte da revista. A afirmação de que a rede social não quer que o leitor descubra o que será revelado pela revista alude a uma violência que é encoberta, assim, a utilização de imagens que escancaram violência direta é uma hipérbole. Nesse segmento, pode ser ressaltado também a comparação feita entre o número de usuários do Facebook e o número de fiéis do catolicismo, que contribui para a argumentação referente a adoração despertada pela rede social, que nesse contexto, um tanto quanto sensacionalista, foi muito bem escolhida. Mas o artigo apresenta respaldo em estudos e falas de figuras de autoridade, o que garante legitimidade aos olhos do leitor ao se defrontar com as afirmações.

O principal enfoque se encontra nos desdobramentos negativos que as redes podem suscitar devido a sua estrutura. Dentre eles estão: (1) inveja subliminar, “como as pessoas tendem a mostrar só as coisas boas no Facebook, achamos que aquilo reflete a totalidade da vida delas”; (2) narcisismo; (3) diminuição da empatia para com o diferente concomitantemente à ascensão das redes, “a explicação disso, segundo estudo, é que na vida online fica fácil ignorar as pessoas quando não queremos ouvir seus problemas ou críticas - e, com o tempo, esse comportamento indiferente acaba sendo adotado também na vida offline”, fazendo referência direta a oferta do Facebook de bloquear ou silenciar pessoas, seguindo esse direcionamento, é possível associar a polarização política como exemplo desse desdobramento. Fruto da combinação dos itens anteriores está o ódio.

Em meio a esse contexto para manter bons relacionamentos durante o isolamento social evitando a negatividade das redes, podemos seguir a linha proposta por Sherry Turkle, buscar ampliar as relações e vínculos com aqueles que dividimos o espaço de quarentena, além de aproveitar o tempo para voltarmos a atenção sobre nossos comportamentos. No que tange a relação com os que estão fazendo isolamento em outros lugares, videochamadas e jogos online conjuntos podem ser uma alternativa que se aproxime de uma convivência.

O artigo da Superinteressante também traz uma seção dedicada a uma análise dos likes, apresentando uma conclusão de que os mesmos não significam muito, dado que qualquer um pode curtir qualquer coisa, sem necessariamente estar engajado naquilo que curte. E que, mediante a pagamento, a plataforma impulsiona seu conteúdo a determinados usuários de forma a te fornecer likes. Nesse sentido, pela interpelação feita no artigo a compra de likes no Facebook parece irrelevante, dado que as pessoas curtem publicações e páginas sem sentido. No entanto, em um diálogo com o apresentado por Sherry Turkle (que não podemos concentrar nossa atenção onde quer que desejemos), a compra se faz importante, uma vez que o usuário deposita uma quantidade, nem que seja mínima, de atenção naquilo que está curtindo, ou seja, a página ou o post impulsionado tem impacto, quando feito em grande escala e com o certo direcionamento (mecanismos de monitoramento atuam com esse fim), esse impacto se torna mensurável e visível. Em adição, não é possível saber quais os interesses por trás desses disparos em massa, que não são acessíveis a qualquer pessoa devido a limitações financeiras.

Por fim, não menos importante, ao contrário, gostaria de me debruçar sobre os títulos dos materiais em discussão. A proposta do título da TED trazer um ponto de interrogação fornece certa abertura para o espectador de que o conteúdo apresentado, em alguma escala, pode ser questionado e está aberto para o diálogo, fator que se encaixa na mensagem transmitida de valoração pelas conversas e ligações complexas, uma vez que chama (ainda que de modo irrisório) o espectador a abandonar uma posição passiva. Já o título do artigo da revista Superinteressante “O lado negro do Facebook” traz uma escolha lexical péssima, que reitera uma associação entre as ideias negro e ruim, poderia ser associada a um lado oculto da rede social, mas ainda sim, um lado negativo, conforme é explicitado no primeiro parágrafo do artigo na sentença “Mas essa história também tem um lado ruim”, a conexão dessas ideias já é há muito problematizada na sociedade brasileira. E, como defende Isadora Lira em um artigo para o Intervenções - Coletivo Brasil de Comunicação Social, a ascensão de empresas de tecnologia, como o Facebook, se deu “através do racismo, seja permitindo a propagação de discursos de ódio, com o próprio design das tecnologias, seja com exploração de pessoas negras, ou com a ausência de pessoas de cor nas posições de liderança dessas empresas”. Como o discurso de ódio é uma das temáticas tratadas no artigo da Superinteressante, não chegar sequer a mencionar a existência do recorte racial na problemática abordada e, além disso, fazer uso, no título, de uma expressão que reforça os mecanismos de opressão existentes é fortalecer a lógica de dominação que gera a problemática que o artigo se propõe a revelar para os leitores.